

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENVELHECIMENTO HUMANO

**VIDA E SENTIDOS NA PERSPECTIVA DE VIKTOR FRANKL: UM ESTUDO
SOBRE O SENTIDO DA VIDA E DO TRABALHO NA ATUALIDADE**

Camila Dall’Bello

Passo Fundo

2019

Camila Dall’Bello

VIDA E SENTIDOS NA PERSPECTIVA DE VIKTOR FRANKL: UM ESTUDO
SOBRE O SENTIDO DA VIDA E DO TRABALHO NA ATUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Envelhecimento Humano.

Orientador:
Profa. Dra. Cleide Fátima Moretto

Passo Fundo

2019

CIP – Catalogação na Publicação

D145vDall’Bello, Camila

Vida e sentidos na perspectiva de Viktor Frankl: um estudo sobre o sentido da vida e do trabalho na atualidade /Camila Dall’Bello. – 2019.

78f. : il.; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Cleide Fátima Moretto.

Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano) – Universidade de Passo Fundo, 2019.

1. Frankl, Viktor E. (Viktor Emil), 1905-1997. 2. Sentido da vida. 3. Trabalho – Aspectos psicológicos. 4. Logoterapia. 5. Trabalhadores. I. Moretto, Cleide Fátima, orientadora. II. Título.

CDU:613.98

Catálogo: Bibliotecário Luís Diego Dias de S. da Silva – CRB10/2241

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO



PPGEH

Programa de Pós-Graduação
em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

A Banca Examinadora, abaixo assinada, aprova a Dissertação:

**“VIDA E SENTIDOS NA PERSPECTIVA DE VIKTOR FRANKL: UM ESTUDO SOBRE O SENTIDO DA
VIDA E DO TRABALHO NA ATUALIDADE”**

Elaborada por

CAMILA DALL BELLO

Como requisito parcial para a obtenção do grau de
“Mestre em Envelhecimento Humano”

Aprovada em: 23/08/2019
Pela Banca Examinadora


Profa. Dra. Cleide Fátima Moretto
Orientadora e Presidente da Banca Examinadora - UPF/PPGEH


Profa. Dra. Ana Carolina Bertoletti De Marchi
Coordenadora do PPGEH


Prof. Dr. Nadir Antônio Pichler
Universidade de Passo Fundo – PPGEH


Prof. Dr. Jandir Pauli
Faculdade Meridional - IMED

DEDICATÓRIA

Ao meu Pai, Rovílio Dall’Bello, que não está mais presente para acompanhar essa conquista. A minha mãe Celita e irmão Douglas, pelo apoio, aos meus amigos pela compreensão e motivação, e a todas as forças impulsionadoras que me mantiveram em busca da realização desse sonho. Obrigada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a CAPES, pela oportunidade dentro do programa para que eu pudesse estar estudando e realizando o meu sonho do Mestrado e poder um dia atuar na docência, ensinar, mesmo sem o amparo financeiro para custear os estudos.

A minha orientadora Profa. Dra. Cleide Fátima Moretto pelo incentivo e orientação acadêmica, sendo parte da construção da minha formação, coordenando e acrescentando conhecimentos nesse processo.

Aos professores do Programa do Mestrado em Envelhecimento Humano da UPF, responsáveis pelo ensino, construção e transformação ocorridas nesse período. A Rita, secretária do programa, sempre disposta a ajudar, com muita atenção, amor e carinho.

A todos que de alguma forma me ampararam e contribuíram nesse percurso, para que esse sonho pudesse se realizar.

RESUMO

DALL’BELLO, Camila. Vida e sentidos na perspectiva de Viktor Frankl: um estudo sobre o sentido da vida e do trabalho na atualidade. 2019. 76f. Dissertação (Mestrado em Envelhecimento Humano)- Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2019.

As inúmeras transformações que o mundo, a sociedade e o sujeito enfrentam refletem-se diretamente no sentido atribuído à vida das pessoas, à existência, à forma de se relacionar, trabalhar e conviver em sociedade. Percebe-se um “mal-estar” na sociedade, que também repercute no trabalho. É crescente o número de casos de adoecimentos psíquicos, a necessidade de medicalização, levando ao afastamento da vida social e laboral, e até mesmo ao suicídio. Ainda são escassos na literatura os estudos que relacionam o sentido da vida e do trabalho de forma interligada. A presente dissertação tem como objetivo avaliar, a partir das obras do psicólogo e neuropsiquiatra Viktor Emil Frankl como o sujeito percebe o sentido da vida e do trabalho na atualidade e qual a relação estabelecida entre ambos. Frankl, em seus estudos, visualiza na sociedade uma “neurose de massa”, verificando um forte sentimento de vazio existencial e falta de sentido. A pesquisa aplicada, em nível descritivo e por meio de abordagem qualitativa, contou com a participação de 18 sujeitos, de ambos os sexos, com idades entre 20 e 78 anos, que possuem ou já possuíram contato com o mundo do trabalho, residentes na microrregião de Erechim (RS), Brasil. Foi adotada uma amostragem por conveniência e aplicados um questionário sociodemográfico e uma entrevista baseada em um roteiro de questões semi-estruturado. As falas transcritas foram tratadas por meio da análise de conteúdo de Bardin. A produção resultante deste estudo, intitulada “A relação entre o sentido da vida e do trabalho na perspectiva de Viktor Emil Frankl” buscou compreender como o sentido da vida e do trabalho são apreendidos para diferentes sujeitos na atualidade. A partir da análise dos relatos dos participantes foi possível observar diferentes posicionamentos na perspectiva do ser e do ter no e pelo trabalho, agente produtor de saúde mental e determinante na identidade do sujeito. O trabalho se constitui, assim, como âncora a todas as demais formas atribuídas como sentido à vida.

Palavras-chave: 1. Sentido da Vida. 2. Sentido do Trabalho. 3. Viktor Emil Frankl. 4. Logoterapia. 5. Trabalhador.

ABSTRACT

DALL'BELLO, Camila. Life and senses in Viktor Frankl perspective: a study on the sense of life and work nowadays. 2019. 76f. Dissertation (Masters in Human Aging) – University of Passo Fundo, Passo Fundo, 2019.

The countless transformations that the world, society and the subject face are directly reflected in the meaning attributed to people's lives, existence, the way they relate, work and live in society. One notices a “discomfort” in society, which also affects the work. The number of cases of mental illness is increasing, the need for medicalization, leading to the removal of social and working life, and even suicide. There are still few studies in the literature that relate the meaning of life and work in an interconnected way. This dissertation aims to evaluate, from the works of psychologist and neuropsychiatrist Viktor Emil Frankl, how the subject perceives the meaning of life and work today and the relationship established between them. Frankl, in his studies, envisions a “mass neurosis” in society, verifying a strong sense of existential emptiness and meaninglessness. The applied research, at a descriptive level and through a qualitative approach, had the participation of 18 subjects, of both sexes, aged between 20 and 78 years old, who have or have had contact with the world of work, residing in the microregion from Erechim (RS), Brazil. A convenience sampling was adopted and a sociodemographic questionnaire and an interview based on a semi-structured question script were applied. The transcribed speeches were treated by Bardin content analysis. The resulting production of this study, entitled "The relationship between the meaning of life and work from the perspective of Viktor Emil Frankl" sought to understand how the meaning of life and work are apprehended for different subjects today. From the analysis of the participants' reports it was possible to observe different positions in the perspective of being and having in and through work, mental health producer and determinant in the subject's identity. Work thus constitutes itself as an anchor to all other forms attributed as meaning to life.

Key words: 1. Meaning of life. 2. Meaning of Work. 3. Viktor Emil Frankl. 4. Logoterapia. 5. Worker.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REVISÃO DA LITERATURA	18
2.1 O Sentido da Vida	18
2.2 O Sentido do trabalho na vida	24
3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA I	33
3.1 Introdução	
Erro! Indicador não definido.	
3.2 Método	Erro! Indicador não definido.
3.3 Análise e Discussão e Resultados	Erro! Indicador não definido.
3.4 Considerações Finais	Erro! Indicador não definido.
3.5 Referências	
Erro! Indicador não definido.	
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	35
APÊNDICES	39
Apêndice A.	40
Apêndice B.	
Erro! Indicador não definido.	
Apêndice C.	
Erro! Indicador não definido.	
Apêndice D.	
Erro! Indicador não definido.	

1 INTRODUÇÃO

O mundo, e conseqüentemente a sociedade, encontra-se em constante evolução, o que exige, por parte do sujeito, adaptação às transformações que interferem em seu modo de se relacionar, trabalhar e viver. Atualmente, percebe-se que lado a lado de diversas evoluções positivas, como o avanço da medicina, o surgimento da tecnologia, a facilidade de comunicação e de locomoção, leis que defendem a integridade do sujeito, também se vive um momento de “mal-estar na civilização”, como denominado por Freud, ou de “neurose de massa”, na visão de Viktor Frankl.

Uma das características que contemplam o “mal-estar” na sociedade atual pode ser melhor observada quando se identifica o aumento no número de pessoas com adoecimento mental e com dificuldade em lidar de forma saudável com situações inerentes ao cotidiano, seus compromissos e relações. As evidências indicam o aumento expressivo de casos de adoecimento psíquico, sobretudo de depressão e ansiedade, e a necessidade da medicalização para ser possível “suportar e encarar a vida”. Tal situação, também, está diretamente ligada a outros problemas que assolam a sociedade atual, como desigualdade social, o desemprego, a falta de habitação, a violência e a criminalidade, as crises financeiras e políticas, a precariedade da saúde e da educação pública, o declínio de valores e tradições, o alto índice de uso de álcool e drogas, a dificuldade do ser humano em se relacionar e conviver em sociedade, acompanhados de sentimentos de infelicidade, frustração e vazio existencial. Esse contexto conduz ao questionamento sobre se há e qual o sentido da vida para os diferentes sujeitos.

Freud, em sua obra *O Mal-Estar da Civilização*, defende que a vida social exige sacrifícios pulsionais do ser humano, causando-lhe o mal-estar. Contudo, explica que esses sacrifícios são condições necessárias para a constituição da sociedade. Para o autor, o surgimento da cultura exerce o papel de nortear as relações dos homens, baseado em comportamentos aceitos socialmente. Ainda, para a garantia do funcionamento psíquico

saudável do sujeito, é necessária a canalização de impulsos agressivos e sexuais do ser humano. Nesse contexto, o trabalho surge como uma opção do alívio da pulsão e traz muitas vantagens quando escolhido livremente, oferecendo possibilidades de o sujeito se inserir na sociedade e desenvolver suas habilidades. O autor ainda ressalta o uso do mecanismo de sublimação, que consiste em canalizar pulsões agressivas e atingir o prazer por meio de uma atividade intelectual, geralmente no trabalho (FREUD, 1930/2011).

Silveira e Gradim (2015), nessa direção, observam que a atualidade está gerando diversas crises ao sujeito, o que exige, por parte do ser humano, estratégias de enfrentamento, superação e resiliência. Os autores apropriam-se do conceito de “resiliência”, que compreende as estratégias desenvolvidas e utilizadas pelo sujeito para lidar com situações de frustrações e barreiras que impedem as pessoas de agir com autonomia e liberdade, a qual precisa ser disseminada de forma coletiva (SILVEIRA; GRADIM, 2015). Levando em consideração que a palavra “resiliência” é fortemente difundida no momento atual, entende-se a forte ligação que a mesma estabelece com o que Viktor Emil Frankl denomina como a vontade de sentido: a capacidade de o sujeito enfrentar uma situação de adversidade e sofrimento, a partir do sentido que atribui à situação, que o faz suportá-la e seguir.

Devido à pressão exercida pela sociedade atual, com a obrigatoriedade de alcançar o sucesso e ser bem-sucedido, como argumenta Matos (2012), sintomas que ameaçam a autoestima ou o potencial humano são vistos com maior fragilidade, uma vez que aquilo que não é devidamente tratado é camuflado, gerando o adoecimento. O autor complementa, ainda, que quando o sujeito consegue buscar ajuda, ao chegar aos consultórios médicos, há uma padronização da medicalização, por meio de um olhar para o sintoma, mas não para a causa, sem considerar o fato de que esses sintomas podem ter origem em uma causa social, e novamente o sujeito não é apreendido pela sua subjetividade. Berger e Luckmann (2004), a esse respeito, defendem que as alterações na estrutura social, em especial, as mudanças de papéis das instituições como a escola, a

igreja e a família contribuíram para a criação de uma crise de sentidos para o sujeito na sociedade contemporânea, decorrente do que denominam de pluralismo moderno, ou seja, a diversidade de valores que influenciam os sujeitos sociais em diferentes direções. Para os autores, este pluralismo tende a desestabilizar as autoevidências das ordens de sentido e de valor que orientam as ações e sustentam a identidade, e desse modo ocasionaram a crise de sentidos vivenciada pela sociedade contemporânea.

Matos (2012) alerta que o sujeito de hoje está esquecendo quem ele é, o significado do “ser”, adentrando-se à massificação, à despersonalização de si e da sua subjetividade; a corrida é ao encontro do ter e do prazer. Frankl reforça que a sociedade atual consegue suprir quase todas as necessidades do sujeito, a maioria geradas pelo próprio consumismo, mas um dos elementos que não pode ser suprido é o sentido, esse não é possível comprar ou produzir, ele precisa ser identificado (FRANKL, 2015). Ramos e Rocha (2018), em seu estudo sobre a busca pela felicidade e o sentido da vida, ressaltam sobre a procura pela felicidade e prazer imediato. Verificam que, na sociedade atual, uma das maneiras de se suprir essa busca é por meio do consumo, sendo que o sujeito está sendo instigado pela mídia a consumir todo o momento. As autoras compreendem que os sujeitos da atualidade, principalmente a nova geração, realizam essa busca de forma compulsória, tentando materializar a felicidade e o sentido da vida. As autoras utilizam a obra de Lipovetski, publicada em 2007, que identifica a sociedade atual como a “civilização do desejo” e a “sociedade do consumo”, onde o sujeito busca a satisfação imediata de seus desejos e da felicidade, no aqui e agora, na tentativa de encontrar um bem-estar emocional. As autoras ainda complementam que existe uma confusão entre o ter e o ser, e que a relação com o consumo é capaz de destruir as relações e vínculos sociais entre os seres humanos, os quais buscam organizar uma rotina confortável e fácil, traduzida como felicidade (RAMOS; ROCHA, 2018).

Encontrar o sentido da vida é uma das principais buscas subjetivas da humanidade. Desde os primeiros pensadores da filosofia, essa questão já era abordada. Viktor Emil

Frankl, psicólogo, neuropsiquiatria e doutor em filosofia, austríaco, foi o precursor dos estudos sobre o sentido da vida. Ele também fundou a Logoterapia, que se origina do existencialismo e do humanismo, caracterizando-se como a terapia que busca o sentido. Frankl afirma que podemos encontrar o sentido da vida a partir de três principais vias: pela criação, por meio de uma “obra”, missão e pelo próprio trabalho, pelo amor, dedicado a alguma tarefa, ou ao ser doado ou recebido por alguém; e pelo sofrimento, a partir da resignificação de forma positiva, contribuindo para a evolução do sujeito, dependendo da atitude tomada por ele frente ao sofrimento (FRANKL, 1985/2018, 1989). O autor esclarece que o sentido da vida, será encontrado pelo sujeito no mundo. Frankl (2003, 2005) ressalta que o sujeito precisa encontrar sentidos nas atividades que desenvolve, mas também na vida, caso contrário será fadado à frustração e ao vazio existencial.

Para Pereira (2007), o homem encontra a autotranscendência ao se dedicar para uma tarefa ou um sentimento, além de si. De outra parte, Dourado et al. (2009) afirmam que o mal-estar na civilização também é um mal-estar que atinge o trabalho. Uma vez que o trabalho é um exercício do sujeito, podendo ser provedor de adoecimento ou de saúde ao ser humano, ressalta-se a importância em falar sobre os seus significados e, assim, abrir caminhos para compreender os seus pressupostos. Antunes (2002), em seus estudos, trata da importante ligação entre o sentido da vida e o sentido do trabalho. Para ele, o sentido da vida depende da identificação do sentido em que o trabalho realiza. Já na perspectiva marxista, o homem é a própria ferramenta de seu trabalho e é o trabalho que traz forma a vida, afirmando-a (HARDT; NEGRI, 2004).

Silva e Toldo (2012) argumentam que a palavra trabalho é derivada de *Tripalium*, a qual está atrelada a ideia de tortura, contudo, além do significado instrumental do trabalho que se refere ao emprego, o mesmo carrega significados positivos e negativos. Destacam que, na atualidade o trabalho ocupa maior significação positiva, pois é fundamental para a identidade do sujeito, dignidade e sentimentos de aceitação e de pertença à sociedade. Na história da humanidade, como contextualizam Rohm e Lopes

(2015), o trabalho sempre esteve presente na vida do sujeito. De acordo com os autores, as práticas iniciais começaram ainda no período pré-histórico em que, involuntariamente, se exerciam tarefas com a necessidade da sobrevivência. Homens e mulheres sobreviviam da caça, pesca e coleta, selecionando atividades conforme as capacidades de cada um, desde já, configurando-se uma pequena divisão de trabalho. Explicam que, com a evolução do ser humano e sua capacidade cognitiva, de pensar e de aperfeiçoar suas habilidades, acompanhadas da evolução das civilizações, o trabalho também teve sua evolução histórica e de sentido, de onde se identificam o trabalho escravo, os artesãos, o feudalismo e o grande marco da revolução industrial, expressos pelo taylorismo e pelo fordismo. Observam que, com o avanço da sociedade, a mundialização dos mercados e com ela a vinda da tecnologia, da mecanização, as mudanças deixaram de ser apenas no processo de trabalho como também nos formatos de vínculos, na necessidade da gestão de pessoas e da presença da Psicologia do Trabalho e Organizacional. De acordo com os autores, devido a todas essas mudanças ocorridas no mundo do trabalho, também ocorreram mudanças no sentido do trabalho para o sujeito, na forma de pensar, de agir e de viver o trabalho na sua vida. Por este motivo, referem Rohm e Lopes, sendo o trabalho produtor de identidade, sentimentos de utilidade e pertença à sociedade, é importante identificar seus sentidos para a vida do ser humano e a partir disso melhorar a qualidade de vida do sujeito e da sociedade.

A relação do sujeito com sua atividade de trabalho vem sendo discutida e estudada por diversas áreas da ciência, sendo comprovada a sua centralidade na vida das pessoas: seja no âmbito social, como construtor de subjetividade e identidade, seja no aspecto financeiro, utilizado como instrumento para suprir as necessidades do sujeito. Devido aos diversos motivos que comprovam a importância do trabalho, o mesmo vem sendo minuciosamente estudado, especialmente sobre os seus sentidos e significados, e como esses repercutem na vida do ser humano. São diferentes os contextos e as relações de trabalho em que os sujeitos estão inseridos, alguns mais protegidos, outros mais precarizados, alguns sujeitos adoecem no e pelo trabalho, outros diante da ausência dele.

Schweitzer et al., (2015), em seus estudos, identificaram que o número de pesquisas referente aos sentidos e significados do trabalho, vem aumentando. A maior parte desses estudos tem origem na psicologia, o que reforça a importância em continuar a se desenvolver tais materiais, também abrangendo o olhar para outras áreas. Destacam que a maioria dos estudos trata o assunto com a terminologia sentido do trabalho, caracterizados também pelo método qualitativo. Já os significados do trabalho, de acordo com os autores, são menos utilizados e costumam adotar a abordagem quantitativa.

De acordo com Tolfo e Piccinini (2007), a construção sobre os sentidos e significados do trabalho é de origem psicológica, multidimensional e dinâmica, provindas de interações pessoais e sociais relacionadas ao trabalho. Devido à multiplicidade de temas que compõe o trabalho, o mesmo precisa ser analisado de forma multidisciplinar. A psicologia, em especial, na busca de compreender e analisar a mente humana e suas relações explanou seus estudos para a análise do sentido do trabalho, justamente pela representação que o mesmo tem para o sujeito. Morin (2001) cita diversos estudos já realizados em sociedades industrializadas, a perspectiva de Antunes, Bauman, Beck, Castells, Harvei, Rifkin, Schaff e Sennet, nos anos 1990, os quais concluíram que o trabalho possui um valor central na vida das pessoas. Para Silva e Tolfo (2012), a centralidade do trabalho refere-se à importância que o trabalho ocupa na vida de alguém, em um determinado momento, podendo atribuir o aspecto valorativo, que seria a centralidade absoluta, ou o valor comparativo, em relação a outras questões importantes da vida.

Para Morinet al. (2007), as ações das pessoas no trabalho são justificadas pela função expressiva, abrangendo que o sujeito identifique seu trabalho como interessante, e que possa lhe trazer autorrealização e autoestima, ao mesmo tempo em que economicamente lhe ofereça a possibilidade de suprir necessidades fisiológicas e de segurança. Para Dejours, os sentidos do trabalho são construídos por meio de três elementos: as características das tarefas realizadas, a organização e as diferenças

individuais do trabalho e o sentido irá surgir por meio da forma com que o sujeito compreende a sua vivência laboral nos setores produtivos que atua (SCHWEITZER et al., 2015). O estudo sobre o trabalho, além de envolver questões multidisciplinares, também precisa ser desmembrado em seu sentido, condições e práticas de trabalho. O que o Grupo Mow define como atributos valorativos, estabelecendo como o trabalho deve ser, e os atributos descritivos, configurando como o trabalho realmente é (TOLFO; PICCININI, 2007).

Como mencionado, o trabalho pode ser fonte de saúde, mas também de adoecimento psíquico ao sujeito. Em seus estudos, Frankl aborda o tema sobre o desemprego. O autor argumenta que o sujeito desempregado não sofre pela falta do recurso financeiro, mas pela perda de sentido advinda do desemprego, sentindo-se sem utilidade (FRANKL, 2003). Este é um dos pressupostos investigados na pesquisa, ressaltando o sistema capitalista que o sujeito está inserido e o reforço para que este consuma, na perspectiva de investigar se o trabalho surge com o intuito de suprir necessidades ou o seu sentido vai, além disso, como mencionado por Frankl.

Diante de tantas problemáticas presentes na sociedade atual e a dificuldade do ser humano lidar com essas adversidades, muitas vezes percebemos a perda do sentido da vida, criando espaços para o sentimento de vazio existencial. A literatura traz o trabalho como um importante meio que pode dar sentido à vida do sujeito, além do papel que ele exerce na identidade, inserção social e como fomento às necessidades. A presente dissertação tem como objetivo avaliar, a partir das obras do psicólogo e neuropsiquiatra Viktor Emil Frankl como o sujeito percebe o sentido da vida e do trabalho na atualidade e qual a relação estabelecida entre ambos.

A pesquisa aplicada, em nível descritivo e abordagem qualitativa, baseia-se na análise de conteúdo de dezoito entrevistas realizadas com homens e mulheres com idades entre 18 a 78 anos, que estão ou já estiveram em contato com o trabalho. Buscou-

secompreender esses sentidos para os participantes e a partir dos resultados, identificar estratégias para que os trabalhadores ressignifiquem os sentidos atribuídos a sua vida e no trabalho que realiza, e assim usufruam de uma vida mais saudável e de qualidade. As entrevistas foram realizadas entre novembro de 2018 a março de 2019, por meio de amostragem por conveniência, com voluntários residentes na microrregião de Erechim, localizada ao Norte do estado do Rio Grande do Sul.

O presente estudo faz parte da proposta do projeto mais amplo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano, intitulado “Trabalho, Processos de Viver e de Envelhecer: imbricações entre o trabalho decente e o envelhecimento dos trabalhadores”. Insere-se na linha de pesquisa do programa “Aspectos Culturais e Educacionais do Envelhecimento Humano”, com ênfase no universo do trabalho de forma interdisciplinar.

Na sequência são apresentadas a revisão de literatura, a primeira produção científica resultante da pesquisa aplicada, intitulada “A relação entre o sentido da vida e do trabalho na perspectiva de Viktor Emil Frankl” e as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Viktor Emil Frankl, psicólogo, médico psiquiatra, doutor em Filosofia, professor de neurologia e psiquiatria na Universidade de Viena e de Logoterapia na Universidade Internacional da Califórnia, nasceu na Áustria em 26 de março de 1905. Foi o precursor dos estudos sobre o sentido da vida, criando a terceira escola de Psicologia, depois da Psicanálise de Freud e de Adler, a Logoterapia, psicoterapia que consiste em encontrar o sentido da própria existência. Também foi prisioneiro durante a II Guerra Mundial, tendo sobrevivido a quatro campos de concentração, inclusive Auschwitz (FRANKL, 1989, 2003, 2015).

Frankl foi professor em Harvard, Stanford, Dallas e Pittsburgh. Publicou 39 livros, 27 deles traduzidos para outras línguas, entre eles o livro que o tornou conhecido mundialmente: “Em busca de Sentido – Um Psicólogo no Campo de Concentração”, em 1945. Também teve 151 livros publicados sobre sua vida e suas obras por outros autores. Realizava muitas viagens para conferências, com convite de mais de 200 Universidades, viajou para muitos países, inclusive esteve no Brasil, em 1984. Viktor Emil Frankl faleceu em 2 de setembro de 1997 (FRANKL, 1989, 2003, 2015, 2018).

A teoria que investiga o Sentido da Vida, criada por Frankl, baseia-se em princípios do existencialismo e do humanismo. Além do sentido da vida, essa teoria também investiga a vontade de sentido do sujeito e a liberdade do querer. Frankl dedicou-se aos estudos do sentido da vida por perceber que a sociedade estava compartilhando de um sentimento de vazio existencial e falta de sentido, gerando a despersonalização da população (FRANKL, 1985/2018).

2.1 O Sentido da Vida

Para Frankl (1989), o sentido da vida será encontrando fora do sujeito, ou seja, no mundo. Ele ressalta que existem três formas principais de encontrar sentido: através do amor dedicado a alguém ou alguma realização, por meio da criação, configurando-se com o trabalho e através de situações de sofrimento ou adversidade, em que se o sujeito ao dar um significado ao sentimento, pode transformá-lo positivamente. Frankl argumenta que na autotranscendência a existência do homem sempre se refere a algo ou a alguém, a algum objetivo a ser alcançado ou ao encontro de outra pessoa, não a ele mesmo. Pereira (2007), embasado na obra de Frankl, ressalta que o homem somente é ele mesmo quando fica absorvido pela dedicação a uma tarefa, quando se esquece de si por uma causa ou por amor a alguém. Em sua obra, Frankl (1989, 1985/2018, 2015) cita a frase de Nietzsche “*Quem tem por que viver, suporta qualquer como*”. O autor acredita que ao encontrar o seu sentido próprio, utilizando-se da vocação e missão individual encontrada no mundo, o sujeito irá suportar e enfrentar qualquer adversidade que se depare, pois o sentido o mantém saudável. Para o autor, é possível transformar a experiência de uma tragédia em uma conquista humana, pois o sofrimento, quando rico de significado, pode transformar-se em desempenho e impulsionar o sujeito na luta por seus objetivos e enxergar outras possibilidades além da tragédia, não se fixando na ideia de que nada tem a fazer frente ao problema, até mesmo diante da morte (FRANKL, 1973/2003).

Os sentimentos de falta de significado que permeiam a sociedade foram definidos por Frankl como uma “neurose de massa”, a qual está estruturada pelo tripé depressão, agressão e toxicodependência. O autor faz um comparativo entre o *Homo Sapiens* e o *Homo Patiens* (denominação criada por ele). O *Homo Sapiens* é inteligente, empreendedor, sabe como enriquecer e ter sucesso; já o *Homo Patiens* é aquele que sabe sofrer e transforma seu sofrimento em realização (FRANKL, 1973/2003). Comenta que em uma carta direcionada à princesa Bonaparte, Sigmund Freud refere que o sujeito que se indaga sobre o sentido da vida desperta questionamentos sobre a sua saúde mental. Frankl rebate a visão de Freud, argumentando que a busca de sentido é, antes de tudo, sinal de humanidade e, conseqüentemente, de saúde mental. Para Frankl (1989), o que diferencia

o ser humano dos animais é a dimensão espiritual, vista pela Logoterapia como a quarta dimensão constituinte do sujeito, além da dimensão biológica, psicológica e social, ainda existe a espiritual, também chamada por ele como noética, que não se caracteriza como religiosidade, mas sim como a dimensão que humaniza o sujeito. O autor também pontua que os valores estão desaparecendo, pois são transmitidos pelas tradições, as quais estão em declínio. Já os sentidos, de acordo com o autor, são únicos para cada sujeito, são um objeto de descoberta pessoal, sendo assim, ainda sobrevivem, pois desafiam o sujeito a mudar a si mesmo, quando não consegue mudar a uma situação (FRANKL, 1989).

De acordo com Mello e Araújo (2013), o sentido da vida está relacionado com propósitos, direções e razões para a existência da humanidade. Esse processo de busca de sentido configura-se como uma construção entre aspectos cognitivos, motivacionais e afetivos. O cognitivo se refere à maneira pela qual o sujeito realiza suas interpretações e constrói as crenças sobre sua percepção de mundo; o motivacional volta-se aos valores de cada sujeito, que resultam no estabelecimento das metas pessoais; e o afetivo relaciona-se ao nível de satisfação com a vida, o que o motiva a viver. Os autores ainda complementam que o sentido da vida auxilia no enfrentamento de situações adversas e de sofrimento, melhorando a saúde e a qualidade de vida do sujeito.

O sentido da vida, para Frankl, não pode ser visto como algo integral e padronizado, mas sim como um sentimento único de cada ser, da mesma forma que a vida também está atrelada a um contexto e história específica de cada ser humano (PEREIRA, 2007). O autor ainda indaga: mas e o que é o sentido? O sentido está fora da percepção da ciência e não pode ser descrito, nem é tocado por nenhuma “secção”. Frankl denomina autotranscendência não apenas um significado a ser vivido, mas o voltar-se a algo diferente de si, a outro ser humano a ser amado. Embasados na obra de Frankl, Ramos e Rocha (2018) interpretam que a palavra existir, originária do latim *ek-sistere*, refere-se a “sair de si”. O que vem ao encontro com o sentido de autotranscendência utilizado pela

logoterapia, que significa sobrepor-se a si e as necessidades, superando e encontrando o sentido.

De acordo com Frankl (1989, 2015), ao contrário do que as teorias motivacionais discorrem, o ser humano não vive com o objetivo de encontrar o equilíbrio, a homeostase, satisfazendo impulsos ou obedecendo a condicionamentos. Para o autor, o homem busca a expansão para fora de si, transcender, a si mesmo, ao outro ou a algo. O autor cita em sua produção o exemplo de um olho saudável, que não vê a si mesmo, assim como o homem saudável, não vê a si mesmo, mas sim algo fora de si (FRANKL, 1985, 2018).

Frankl (1989, 1973/2003, 2016), opondo-se à teoria de Abraham Maslow, sobre a pirâmide de satisfação de necessidades, defende que na busca de sentido não se deve ordenar as necessidades por grau de importância, mas sim em termos do objetivo que existe por trás da realização dessas necessidades, e que em inúmeros casos, mesmo com as necessidades básicas atendidas, o sujeito ainda se encontra insatisfeito, na busca por sentido. Frankl critica o conceito de equilíbrio da “homeostase” que é visado pela saúde mental, sendo uma condição de estabilidade para o organismo realizar suas funções. O autor defende que é importante a presença de um nível leve de tensão. A busca a qualquer custo para descarregá-la não proporciona ao sujeito a percepção do sentido da vida, mas volta-se apenas à busca de prazer. Segundo o autor, a maior contribuição para a vida, mesmo nos piores momentos, é se dar conta de que ela possui um sentido, reforçando as palavras de Nietzsche: “Quem tem um por que viver, suporta qualquer como” (PEREIRA, 2007). Para Rocha e Ramos (2018), liberdade requer responsabilidade, o que atualmente apavora as pessoas e as fazem se acomodar, se apresentado apenas como reagentes de estímulos, o que, na visão de Frankl, leva a uma forma ilegítima de existir, gerando o vazio existencial.

Outro dado que instigou Frankl a estudar o sentido da vida foi o crescente número de suicídios no período entre 1940 a 1980. Para o autor, embora o sujeito tenha seus

impulsos e necessidades satisfeitos, se o mesmo não encontrar um sentido para viver, poderá vir a tentar sobre a própria vida (FRANKL, 1973/2003). Esse problema associa características atuais, em que a sociedade, mesmo suprindo suas necessidades, ainda se encontra compartilhando de um sentimento de vazio existencial e falta de sentido. Bauman (2008), ao caracterizar a sociedade atual como a “sociedade de consumo”, infere que o sujeito atual, sendo produto dessa sociedade, também se configura como um objeto de consumo, bem como as relações: substitui-se tudo aquilo que é preciso conserto, ou que está inadequado por algo novo, e que inicialmente corresponde à busca do consumidor. O autor ainda complementa que o sujeito se sente carente e com necessidade de parar, mas não se permite essa parada por necessitar olhar para si e dar significado a sua existência. Para Campbell (2001), a Sociedade de Consumo, caracteriza-se pela busca incessante em adquirir, do mesmo modo em que a insatisfação também se mantém constante, logo que se atende a uma necessidade, está surgindo outra, não encontrando a sociedade. O autor ainda complementa que ao atrelar a felicidade ao ato de consumir, o capitalismo tenta materializar a felicidade, como se a mesma fosse um produto que pudesse ser adquirido. O sujeito contemporâneo busca investimentos variados, contudo, poucos são os investimentos em si próprio, mas sim em coisas, o que favorece o adoecimento, pois não há retorno interno desses investimentos, o sujeito ainda permanece vazio de sentido (RAMOS; ROCHA, 2018).

Uma vida sem sentido aumenta o risco de suicídio, o que muitas vezes se dá pelo modo inautêntico pelo qual o sujeito vive a vida, apresentando baixa autoestima, frustrações, sentimento de fracasso e infelicidade, impossibilitando o sujeito de amar e ser amado. Como resultado, observa-se um sentimento de vazio e sofrimento profundo, em que muitas vezes, pela própria falta de habilidade do sujeito em lidar com o problema, leva a tentar resolvê-lo optando pelo suicídio (ROCHA; BORIS; MOREIRA, 2012). Figueiredo et al. (2015), baseados na obra de Durkheim e Frankl, referem que o momento crucial para a identificação do sentido da vida é quando o sujeito está frente à desorganização interna e ao surgimento do vazio. Para eles, esse momento pode

representar a desistência do sujeito frente à vida ou uma mudança que o torna mais forte e resistente, e auxilia na identificação do sentido da vida. Ainda, de acordo com os autores, ressalta-se a importância dos laços afetivos do sujeito para o sentido da vida e salienta que os motivos que levam o sujeito ao adoecimento mental, diferente das neuroses sexuais de Freud, atualmente, é o vazio existencial e a falta de sentido, o que acresce o número de suicídios.

Frankl (1989) aborda sobre o surgimento da tecnologia e como essa transformação repercute na sociedade atual. O autor infere que o sujeito passou a viver a partir do surgimento da tecnologia, uma privação da capacidade de buscar formas de sobreviver, pois através das tecnologias, desenvolveu-se um sistema de bem-estar que supre as necessidades humanas, sem necessitar esforços. Considerando a substituição da tecnologia, que pode chegar a ser responsável por 15% da força de trabalho de uma nação, o autor pergunta-se sobre qual o destino desses trabalhadores que perderam seus postos e estão sem sentido para viver.

Pereira (2007) argumenta que a vontade de sentido estimula o sujeito a buscar a realização deste, provendo uma razão para ser feliz. Nesse processo de realização, de acordo com o autor, involuntariamente o sujeito se depara com a felicidade, como um efeito colateral. Neste contexto, o autor explica que quanto mais essa “felicidade” incondicional é buscada diretamente, mais o sujeito se afasta de encontrá-la, pois se perde do sentido de a encontrar. O autor complementa que na logoterapia Frankl assinala que não se deve “buscar e perseguir” a felicidade, pois assim ela perde a razão de existir, e o sujeito se desatenta em relação à razão para ser feliz. Como o que traz ao tratar sobre autorrealização, Frankl não a qualifica como o objetivo final do ser humano, pois o homem somente pode se autorrealizar no momento em que se dedica a um sentido fora de si. Ao realizar o sentido além de si, terá como consequência a autorrealização e a felicidade (FRANKL, 2015). O sujeito que se fixa nas idéias genuínas de prazer, felicidade, poder,

sem um sentido superior a isso, afasta-se ainda mais de conseguir, pois isso vem como consequência do sentido (RAMOS; ROCHA, 2018).

Frankl (1973/2003) ressalta a diferença entre sentido e valores, reforçando que o sentido sempre vai ser único e irrepetível, mas há “possibilidades universais de sentido”, os quais o autor chama de valores, que se cristalizam nas culturas como universais e, portanto, não comportam a singularidade de cada situação, mas nada mais são do que subjetividades específicas e datadas. Para Pereira (2008), a presença dos “valores universais” alivia a responsabilidade de o sujeito na busca de sentido, pois exercem um papel de “guia geral”. Contudo, o sentido gerado em cada situação é único e não pertence a um padrão geral: “O sentido é o fator dinâmico, o valor é a abstração universal para o sentido”. Pererira destaca que Frankl define essa concepção como “educação para a responsabilidade”, o que precisa dar respaldo, mesmo na falta de valores, a gerar a capacidade do homem de se responsabilizar pela busca do sentido da sua vida. Para Frankl, há comprovações empíricas de que o encontro do homem com o sentido independe de condições financeiras, sociais, QI, meio ambiente, idade e outras, ou seja, contanto que o homem pense e crie consciência, ele poderá identificar o sentido.

2.2 O Sentido do trabalho na vida

Os sentidos e significados do trabalho compõem uma construção multidimensional, pois envolvem aspectos pessoais e sociais de cada sujeito com a interação organizacional. Devido a sua multidisciplinaridade, os estudos publicados sobre o sentido do trabalho, envolvem reflexões de ordem filosófica, sociológica, psicológica, dentre outros (TOLFO; PICCININI, 2007). Em seus estudos, Tolfo e Piccinini (2007) utilizam das teorias de Frankl, para o qual o homem está em contínua busca de sentido para a vida; de Berger e Luckman, que afirmam que o sentido se constitui na consciência humana a partir dos processos sociais e de Vygotski, que defende que as ações desenvolvem múltiplos sentidos a partir das interações sociais.

Tofo e Piccinini (2007) descrevem que os pioneiros em estudar sobre os sentidos do trabalho foram os psicólogos Hackman e Oldhan, na década de 1970, com o objetivo de relacionar a qualidade de vida ao sentido do trabalho. Eles identificaram que o sentido atribuído ao trabalho possui três principais características: variedade das tarefas ou diversidade nas habilidades e competências para a execução; identificação do sujeito com o processo do trabalho, gerando autonomia e contribuição social; e *feedbacks* ou retornos sobre o desenvolvimento e desempenho do sujeito e das atividades executadas pelo mesmo (TOLFO; PICCININI, 2007). Tratando-se da utilização do termo sentido, percebe-se que o mesmo é identificado como uma produção singular de cada pessoa, tendo relação com o processo coletivo de significação (SCHWEITZER et al., 2015). Para Aguiar et al. citados por Schweitzer et al. (2015), os significados sociais são transformados e internalizados em sentidos, através da constituição do homem. Já os sentidos não serão apenas reproduzidos, mas sim constituídos por cada ser subjetivamente, através da ativação de vivências cognitivas e afetivas.

Para Pereira e Tolfo (2016), ao buscar o significado do termo “sentido” no dicionário etimológico de Harper, publicado em 2013, identificaram que o mesmo se refere à “faculdade de percepção, significado, importância e interpretação”. Em latim o termo original da palavra é *sensus*, definida como “percepção, sentimento, compromisso, significado”. Alguns estudos que buscam entender a centralidade do trabalho na vida do sujeito têm utilizado os termos sentido e significado como sinônimos, como elementos diferenciados ou parte de um mesmo tema. Para Tolfo e Piccinini (2007), é importante ressaltar a diferença dos termos, as autoras sugerem que o termo significado é construído de forma coletiva em um determinado momento histórico, econômico e social. Já os sentidos envolvem a subjetividade de cada um, caracterizando-se como uma produção pessoal, originada da vivência de uma experiência concreta. As autoras ainda citam que para Vygotski, o resultado do significado é o que produz o sentido, e o sentido predomina sobre o significado.

Os estudos sobre sentidos e significados, possuem embasamento em algumas vertentes teóricas: “Os Sentidos da Vida” é uma temática trabalhada por Frankl, Berger e Luckman, e Spink e Medrado; os significados são tratados em um contexto geral por Leontieva Vygotski; os “sentidos do trabalho” são explorados por Dejours, Antunes e Morin; e os “significados do trabalho” são termos utilizados por Blanch, Ribas, Borges e Grupo MOW (PEREIRA; TOLFO, 2016). Para Kubo e Gouveia (2010) a importância do trabalho é refletida pela quantidade de investimento que o sujeito despense ao trabalho, em tempo, estudos, formações, capacitações, e a própria formação indireta que o sujeito vive ao iniciar em uma nova organização.

Para Morin (2001), baseada em estudos existencialistas de Frankl e Yalom, as características de um trabalho que possui sentido refere que o mesmo se forma a partir de uma estrutura afetiva que compreende a significação, a coerência e a orientação, sendo o sentido um efeito do exercício humano. A autora desenvolveu pesquisas na França com estudantes e profissionais de administração, onde constatou que a maioria dos participantes tinham um olhar positivo sobre o trabalho. Identificou que o trabalho considerado por eles com sentido, era aquele que possibilitava autonomia, autodesenvolvimento, relacionamentos positivos, aprendizagem, crescimento e contribuições para a sociedade.

O trabalho apresenta-se como uma condição fundamental para o ser humano, é por meio dele que o sujeito se experimenta, estabelece contato com a natureza, se insere em grupos, e assume um papel de utilidade. Para Rohm e Lopes (2015), o trabalho na pós-modernidade é visto com a principal fonte de desejo e sentido do sujeito, o que em muitos momentos o impede de ter. No modelo capitalista o trabalho descaracteriza a imagem de ser um artesanato, uma obra do homem, uma extensão de si e a projeção da sua criatividade. O homem não participa mais do destino que é dado ao seu trabalho, não vê mais o produto final, não se sente um criador de sua obra. Os autores também referem que, devido ao surgimento do capitalismo, o processo educativo e de desenvolvimento do

ser social foram prejudicados. Os autores complementam que, nesse modelo, os conhecimentos não são transmitidos com sua verdadeira significância, o trabalho e a educação tornaram-se obrigações do homem para melhoria de renda e inclusão na sociedade capitalista.

Morin (2007) identificou em sua pesquisa que a relação com o salário, estabelecida pelo sujeito, além da importância para a liberdade de escolhas e as bancar, também tem o intuito de progredir hierarquicamente, com remunerações maiores que permitam realizações, ter mais tempo livre, ganhar o suficiente para o sustento dos filhos, ter uma moradia e melhor qualidade de vida.

Baseando-se na esfera da psicologia social, Spink e Medrado referem que os sentidos da vida são construídos a partir de relações sociais e interações entre dinâmicas de relações e linguagens (PEREIRA; TOLFO, 2007). O acervo social do conhecimento é construído a partir da vivência subjetiva e é a partir desse conhecimento que se constitui o senso comum, responsável pela maneira como as pessoas significam, compreendem e lidam com os fenômenos ao seu redor (PEREIRA; TOLFO, 2007). Ainda, na perspectiva da psicologia, como apontam Ribeiro e Tolfo (2016), Estelle Morin, baseando-se nas teorias de Frankl e Yalon, em uma pesquisa realizada na França, identificou cinco motivos para atribuir sentido ao trabalho: realização e atualização de potencial, segurança e autonomia, relacionamentos e sentimentos de pertença, contribuição social e ter um sentido na vida provindo de uma ocupação. Esses sentidos são identificados em três dimensões: individual, organizacional e social. Os autores observam que para o Grupo MOW e seus representantes, o significado do trabalho é um construto psicológico multidimensional e dinâmico, resultante de variáveis pessoais e ambientais. O grupo também trabalha com três variáveis principais sobre o significado: a centralidade do trabalho e o grau de importância e valor dele na vida; os resultados valorizados do trabalho: produtos, funções cumpridas e necessidade satisfeitas; e as normas sociais, direitos e deveres do trabalhador.

Segundo Morin (2007), os autores Hackman e Oldham, pioneiros nos estudos sobre o sentido do trabalho, ressaltam que trabalho precisa apresentar três condições para ter sentido: tarefas variadas; identificação com o trabalho; e a possibilidade em realizar algo do começo ao fim apresentando resultados. Para Hackman e Oldham, como resalta Morin, o trabalho também precisa ser desafiador, possibilitar aprendizagem contínua; permitir autonomia e decisão; possibilitar reconhecimento e apoio; contribuir socialmente e permitir um futuro desejável. Os resultados citados também se aproximaram dos resultados encontrados por Morin, em uma pesquisa desenvolvida em 2002, com estudantes de Administração e Administradores (MORIN, 2007). A autora concluiu que o para o trabalho ter sentido precisa possibilitar autonomia e garantir segurança, estando associado ao salário como forma de garantir a sobrevivência do sujeito e sua autonomia. É de suma importância, como também citado por E. Jaques, utilizado pela autora, que o trabalho mantenha o sujeito ocupado com a sua vida, evitando o vazio (MORIN, 2007). Contudo, para Frankl, se o trabalho não tiver um sentido, a fuga do vazio irá levá-lo diretamente até a frustração existencial, a tentativa de produzir um sentido é o encontro do vazio, ou de transformar o trabalho como patológico.

Antunes (2012), em suas contribuições sobre os sentidos do trabalho, considera o trabalho como uma categoria sociológica chave. Na relação que o autor faz entre o trabalho e o sentido da vida infere que o trabalho apenas terá sentido se a vida fora dele também tiver sentido. O autor vê o trabalho como o primeiro momento de realização do homem, e sendo de forma autônoma ainda contribuirá para a emancipação do sujeito. Para o autor, uma vida com sentido depende do encontro da realização na esfera de trabalho. Para isso o autor resalta que o trabalho precisa ser auto-determinado, autônomo e livre, para que assim o sujeito possa buscar a plenitude entre a vida pessoal, social e profissional.

Diversos são os sentidos produzidos pelo trabalho, além dos individuais de criação de identidade, subjetividade, também produz sentidos sociais de se inserir em grupos, ser

aceito, e suprir necessidades de subsistência. Dentro dos valores de capital, capitalistas e marxistas vêm valores diferentes: para os capitalistas, se almeja a partir do trabalho a propriedade privada e o lucro; para os marxistas o primordial para o trabalho ter sentido é necessário que esse encontre liberdade e criatividade no trabalho, para que não se veja alienado (TOLFO; PICCININI, 2007). Morin (2007) identificou em sua pesquisa que a relação com o salário, estabelecida pelo sujeito, além da importância para a liberdade de escolhas e as bancar, também tem o intuito de progredir hierarquicamente, com remunerações maiores que permita realizações, ter mais tempo livre, ganhar o suficiente para o sustento dos filhos, ter uma moradia e melhor qualidade de vida. Contudo, Frankl (2015) ressalta em seu postulado que o vazio existencial pode se manifestar de forma dissimulada, mascarando ou reprimindo a vontade de sentido, através do poder e do dinheiro.

Schweitzer et al. (2015), em um estudo sobre as bases epistemológicas dos significados e sentidos do trabalho, referem que nas produções sobre o assunto há uma discussão sobre qual é a centralidade do trabalho na vida das pessoas, sendo que há autores que afirmam que o trabalho perdeu a centralidade, comparado a outros períodos, o que defendem autores como Bauman e Offe. Em outra perspectiva, autores como Antunes (2003), Luna (2005) e Zanelli (2010) defendem que o trabalho permanece como central, relacionado à construção da identidade e processo de socialização do sujeito. Os autores ainda complementam que a maior parte dos estudos realizados com o intuito de investigar sobre os significados e sentidos do trabalho, foram com sujeitos inseridos em organizações formais de trabalho, sendo produzidos pela psicologia, o que ressalta a ligação sobre a visão do trabalho, com o emprego assalariado.

Frankl (1989) deteve o foco maior de seus estudos para o sentido da vida, contudo visualiza no trabalho uma possibilidade do sujeito encontrar o sentido da vida, sendo considerado, dentro da perspectiva da criação, como uma das principais vias para o encontro do sentido. Para o autor, o trabalho pode ser visto por dois aspectos: sendo

provedor de saúde, mas também podendo adoecer o sujeito. O trabalho de ordem patológica, é que não produz realizações ao sujeito, e que pode levá-lo ao extremo, como a dedicação exclusiva ao trabalho, anulando outros aspectos importantes da vida. Já o trabalho saudável é aquele que o sujeito pode exercitar sua criatividade e produzir a partir dela, gerando sentidos a vida.

Para Frankl, a autorrealização proveniente do trabalho não depende exclusivamente da profissão do sujeito, mas sim da maneira que ele reproduz o seu trabalho, e o sentido que dá a sua profissão. Sendo assim, qualquer profissão pode trazer sentido e autorrealização para o sujeito, contanto que ele veja sentido naquilo que realiza (FRANKL, 1989). Rohm e Lopes (2015) ao citar Marx em seus postulados, afirmam que quando o trabalho ultrapassa a alienação e se caracteriza a partir da práxis e do conhecimento, ele proporciona a subsistência do trabalhador, desde as necessidades básicas, como a alimentação, até a contribuição para o progresso da humanidade. Na visão marxista, como explicam os autores, um processo de trabalho sadio é aquele em que o ser social faz parte das transformações ocorridas pelo seu trabalho, sendo ele uma delas, em suma, que suas contribuições tenham efeitos sociais, culturais, econômicos tecnológicos.

Silva e Tolfo (2012) citam estudos revisados por Morine o Grupo MOW em que se encontram resultados sobre a escolha das pessoas em continuar trabalhando, mesmo se não precisassem das condições financeiras. Apontam que cerca de 80% responderam que escolheriam continuar a trabalhar, contudo sob outras condições. Os principais motivos elencados foram: continuar se relacionando com colegas, sentir-se útil, sentir-se parte de algo, evitar o vazio existencial, e ter uma missão pela qual se dedicar. Baseando-se nos estudos de Morin (1996), as autoras Andrade, Tolfo e Dellagnelo (2012), ressaltam que não somente o corpo precisa de alimento para sobreviver, mas que o espírito também, e que ambos necessitam de equilíbrio, concluindo que o trabalho supre as necessidades fisiológicas através do sustento, mas que também precisa oferecer ao sujeito um meio onde ele possa expressar sua criatividade e transcender, e que cabe aos gestores e

empregadores, favorecer essa expressão e valorização ao sujeito. Valores de atitude é o que Frankl (2015) chama de a capacidade de o sujeito em suportar o próprio sofrimento e dar significado a ele. Quando o sujeito consegue se doar para algo ou alguém, além de si mesmo, possibilita identificar sua missão e dedica-se a ela, gerando sentido para a sua vida. Através da criação, o ser humano encontra o sentido para a sua vida, o que corresponde a experiências, produzindo valores vivenciais, através de ressignificados de sofrimentos e adversidades enfrentados, pelo amor e pelo trabalho que realiza (FRANKL, 2015). Frankl ao estudar sobre o sentido do trabalho e o que a falta dele pode gerar para a vida do ser humano, identificou que o sujeito que está desempregado, ou até mesmo na aposentadoria, sofre de uma espécie de depressão, seguida de sentimentos de inutilidade, a qual qualificou como “neurose de desemprego”. O autor notou que, em alguns casos, essa Neurose levava o sujeito a perder o sentido da vida, e até mesmo a cometer suicídio. Sendo assim, passou a tratar os sujeitos que o buscavam, através da Logoterapia, estimulava-os a buscar trabalhos voluntários ou que preenchesse o tempo livre dedicando-se a alguma atividade, assim pode observar a retirada dos sintomas depressivos, mesmo que a condição financeira permanecesse a mesma, concluindo que o bem-estar não é suficiente para o sujeito se sentir realizado, mas que o ser humano precisa de mais, de um sentido para viver (FRANKL, 1985).

Frankl também identifica os mesmos sentimentos da Neurose de Desemprego, em situações patológicas do trabalho, como a dedicação exagerada a ele, identificando-se uma fuga da existência, de que há uma vida fora do trabalho, e ela também precisa fazer sentido (FRANKL, 1989, 2015). Sobre o desemprego, Dejours (2000), infere que devido à grande oferta de trabalhadores, o medo de perder o emprego se tornou uma angústia iminente no ambiente de trabalho. O sujeito está vulnerável a qualquer momento perder o emprego caso não corresponda com os objetivos da organização em comportamento ou produção, o que gera instabilidade emocional e sofrimento psíquico no sujeito. O autor destaca que o medo incrustado na possibilidade da demissão imobiliza o sujeito,

refletindo em seu desempenho e saúde mental, pois fica incapacitado de olhar a sua volta para melhor compreender a realidade.

No próximo capítulo apresenta-se a primeira produção científica resultante do aprofundamento teórico da obra de Viktor Emil Frankl.

3 PRODUÇÃO CIENTÍFICA I

Conteúdo de acesso restrito

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conteúdo de acesso restrito

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. Trabalho e superfluidade. **Capitalismo, trabalho e educação**, Campinas – SP, v. 3, p. 35-44, 2002.

AQUINO, T. A. A.; DARÁ, D. M. B.; SIMEÃO, S. S. S. Depressão, percepção ontológica do tempo e sentido da vida. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 35-41, jun. 2016.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas**. São Paulo: Zahar, 2008.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BERGER, L.; LUCKMANN, T. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENDASSOLLI, P. F. **Psicologia e trabalho: apropriações e significados**. Cengage Learning, 2010.

CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DEJOURS, C. **A loucura no trabalho: estudos em psicopatologia do trabalho**. São Paulo: Cortez, 1987.

DEJOURS, C.; Abdoucheli, E. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

FIGUEIREDO, A. E. B. et al. Is it possible to overcome suicidal ideation and suicide attempts? A study of the elderly. **Ciencia & saude coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1711, 2015.

FRANKL, V. **Um sentido para a vida:** psicoterapia e humanismo. 6ª ed. Aparecida - São Paulo: Editora Santuário, 1989.

FRANKL, V. E. **Psicoterapia e sentido da vida:** Fundamentos da Logoterapia e Análise Existencial. Publicado originalmente em 1973. São Paulo: Editora Quadrante, 2003.

FRANKL, V. E. **Em busca de sentido:** Um psicólogo no campo de concentração. 43 ed. São Leopoldo: Sinodal: Petrópolis: Vozes, 1985 - 2018.

FRANKL, V. E. **Teoria e Terapia das Neuroses:** Introdução à logoterapia e à análise existencial. 1 ed. São Paulo: É Realizações, 2016.

FRANKL, V. E. **O Sofrimento de uma Vida sem Sentido:** caminhos para encontrar a razão de viver. São Paulo: É Realizações, 2015.

FREUD, S. **Mal estar na civilização.** Rio de Janeiro, RJ: Imago, 1997.

MATOS, D. C. Felicidade e sentido de vida na sociedade de consumo. **Revista Logos & Existência:** Revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 72-78, 2012.

MAROTTI, J. et al. Amostragem em pesquisa clínica: tamanho da amostra. **Revista de Odontologia da Universidade Cidade de São Paulo**, v. 20, n. 2, p. 186-194, 2008.

MELLO, M. A; ARAÚJO, C. A. Velhice e espiritualidade na perspectiva da Psicologia Analítica. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 33, n. 84, p. 118-141, 2013.

MERLO, A. R. C; MENDES, A. M. B. Perspectivas do uso da psicodinâmica do trabalho no Brasil: teoria, pesquisa e ação. **Cadernos de Psicologia Social do trabalho**, v. 12, n. 2, p. 141-156, 2009.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec, 2014.

MORIN, E. M. Os Sentidos do Trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, v.41n.3, p. 08-19,São Paulo, 2001.

MORIN, E; TONELLI, M. J; VIEIRA PLIOPAS, A. L. O trabalho e seus sentidos. **Psicologia & sociedade**, Minas Gerais, v. 19, n. 1, p. 47-56,2007.

MORIN, E. M. Os sentidos do trabalho. In: WOOD, T. (Org.) **Gestão Empresarial: o fator humano**, São Paulo. Atlas, 2002.

MOW – **International Research Team. The meaning of working**.London: Academic Press, 1987.

NEGRI, A; HARDT, M. **O trabalho de Dioniso: para a crítica ao Estado pós-moderno**. UFJF, 2004.

PEREIRA, I. S. A vontade de sentido na obra de Viktor Frankl. **Psicologia USP**, v. 18, n. 1, p. 125-136, 2007.

PEREIRA, I. S. Mundo e sentido na obra de Viktor Frankl. **Psico**, v. 39, n. 2, p. 8, 2008.

PEREIRA, E. F; TOLFO, S. R. Estudos sobre sentidos e significados do trabalho na psicologia: uma revisão das suas bases teóricoepistemológicas. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 34, n. 87, p. 302-317, 2017.

PYTELL, T. E. **Viktor Frankl's search for meaning: an emblematic 20th-century life**. New York/Oxford: Berghahn, 2015.

RAMOS, A.P.M.; ROCHA, F.N. Busca por Felicidade e Sentido de Vida na Sociedade de Consumo no Olhar da Logoterapia. **Revista Mosaico**, Vassouras, v. 9, n. 1, p. 10-18, jan./jun. 2018.

ROHM, R. H. D.; LOPES, N. F. El nuevo sentido del trabajo para el sujeto posmoderno: un abordaje crítico. **Cadernos EBAPE. BR**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 332-345, 2015.

SANTOS, D. M. B. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 68, n. 2, p. 128-142, 2016.

SILVA, N.; TOLFO, S. R. Trabalho significativo e felicidade humana: explorando aproximações. **Revista Psicologia, Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 12, n. 3, p. 341-354, dez. 2012 .

SCHWEITZER, et al. Bases epistemológicas sobre sentido (s) e significado (s) do trabalho em estudos nacionais. **Revista Psicologia Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 16, n. 1, p. 103-116, 2016.

TOLFO, S. da R; PICCININI, V. C. Sentidos e significados do trabalho: explorando conceitos, variáveis e estudos empíricos brasileiros. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 38 -46, 2007.

APÊNDICES

Conteúdo de acesso restrito



PPGEH

Programa de Pós-Graduação em Envelhecimento Humano
Faculdade de Educação Física e Fisioterapia - FEFF